

# O ESPELHO

JORNAL ILLUSTRADO

Vol. II.

(BRAZIL: PREÇO 300 REIS.)

Londres, 15 de Julho 1916.

(PORTUGAL: PREÇO 8 CENT.)

No. 10

## O HEROE DE JUTLAND



O almirante Sir D. Beatty, commandante da esquadra inglesa no mar do Norte e a cuja extraordinaria acção se deve a victoria naval de Jutland. Desde Trafalgar e durante mais de 100 annos esta gigantesca esquadra tem dominado sobre toda superficie dos oceanos, cercado-se da aureola de invencivel.







## DOIS INCIDENTES NO FURIOSO COMBATE



Da Sphere.

## H.M.S. WARSPITE BOMBARDEANDO VARIOS CRUZADORES ALLEMAES.

O *Warspite* foi o centro da mais brilhante acção naval durante o conflicto. Apesar do seu leme ter sido partido, e de se achar numa critica situação, sem governo, abriu-tremendo fogo contra os cruzadores inimigos aviariando uns e mettendo a pique outros.

combate á divisão de cruzadores protegidos dos allemães, no momento em que estes mudavam a sua direcção para leste.

O inimigo soffreu enorme perda.

O *Warspite*, o ultimo da linha, nesse instante, foi attingido no seu leme. Ficou sem governo e principiou a descrever um grande circulo que o levou muito proximo á linha allemã. Varios navios do inimigo concentraram sobre elle o seu fogo—uns dizem seis, outros oito. O que é certo, é que por algum tempo o *Warspite* ficou invisivel, encoberto pelas grandes columnas de agua que eram erguidas pelo quéda dos obuzes do inimigo, torrencialmente cahindo á sua volta.

Todos os que presenciaram esta scena achavam impossivel que o navio resistisse a tal ataque.

De repente, do meio dessa borrasca elle surgiu, aparentemente, sem avarias, e com agradável surpresa para os seus admiradores, com todos os seus canhões abriu fogo contra o inimigo.

Devia ter sido um estupendo espectáculo.

Neste momento da luta a situação era a seguinte: O inimigo navegava para leste; Sir D. Beatty conservava-se bem na sua frente, para o norte, havendo uma distancia de duas ou tres milhas entre os seus vascos e os do almirante Evans Thomas.

Sir J. Jellicoe tinha agora desdobrado a grande esquadra composta das seis divisões sob o seu commando, dispondo-a na linha em que queria combater. Começou então a perseguir o inimigo, seguindo mais ou menos a rota em que Sir D. Beatty se movia.

A distancia a que os seus navios se aproximaram do inimigo pode ser apreciada pelo facto da ultima divisão na sua linha, á qual estava sob o commando de Sir Cecil Burney, haver entrado em viva acção com o inimigo antes da linha estar formada.

As outras divisões entraram na luta pouco tempo depois, mas não durou muito, pois que,

nesse momento, o scenario da acção ficou encoberto por uma dessoras inesperados e mysteriosos nevoeiros, commum no alto mar do Norte, e do qual já tinha havido alguns ameaços durante a tarde.

Occultou completamente os movimentos do inimigo e sob a sua protecção Von Scheer ponde mudar de rumo, tão rapidamente quanto lhe foi possivel, voltando na direcção opposta á que seguia.

Passou, provavelmente, algum tempo antes da vanguarda da linha britannica perceber este movimento. Logo que foi descoberto, os *Dreadnoughts* inglezes voltaram e perseguiram o inimigo na direcção da Inglaterra.

Os primeiros tiros foram disparados pela grande esquadra ás seis horas e de este minutos. Houve um bombardeio intermitente até ás oito horas e vinte, mas o tempo favoreceu o inimigo e deu-lhe o que mais desejava naquele momento; a oportunidade de completamente se occultar. Era visivel só a alguns intervallos e, mesmo assim, por curto tempo.

Soffria, entretanto, o vigoroso fogo, quando a occasião se offerecia para os atacar, mas estes intervallos eram tão curtos e o tempo indispedia a vista de tal maneira que tornava impossivel aos artilheiros utilisarem com precisão as miras e telescopios.

## A FUGA DO INIMIGO.

Foi uma bem desalentadora situação para o commandante-em-chefe da esquadra ingleza.

Tinha diante de si, finalmente, a oportunidade tão aspirada, porque pacientemente esperara—o inimigo estava na sua frente e a sua destruição parecia tão facil quanto inevitavel. E agora o inimigo ia-lhe ser arrebatado das mãos; mas estava longe de escapar sem soffrer grandes avarias.

O *Marborough*, embora attingido por um torpedo, tinha posto fora de combate um *Dreadnought*. O *Iron Duke* navio-chefe de

Sir J. Jellicoe só ponde disparar alguns tiros, mas foram sufficientes.

A segunda descarga attingiu o inimigo, e depois, tiro sobre tiro era tão certo que o navio atacado ficou impossibilitado de resistir por mais tempo e voltou para traz.

Breves eram os intervallos em que podiam fazer fogo, mas ainda uma das maiores unidades dos allemães foi destruída e mettida a pique.

O ultimo dos incidentes do combate de artilharia, foi quando o *Lion*, *Princess Royal*, *New Zealand* e *Indomitable* entraram na sua ultima acção, logo depois das oito horas, e invalidaram tres navios.

O grosso das principais forças britannicas tinham nesta occasião cercado a esquadra allemã, collocando-se entre ella e Heligoland.

Na escuridão teria sido uma loucura arriscar as grandes unidades numa acção em que os destroyers teem melhor exito.

Os couraçados e cruzadores, pois, foram enviados para o sul, afim de estarem promptos e entrar numa nova luta na manhã seguinte, e os destroyers e cruzadores de segunda classe receberam ordem para avançar, afim de executar o seu trabalho mortal durante a noite.

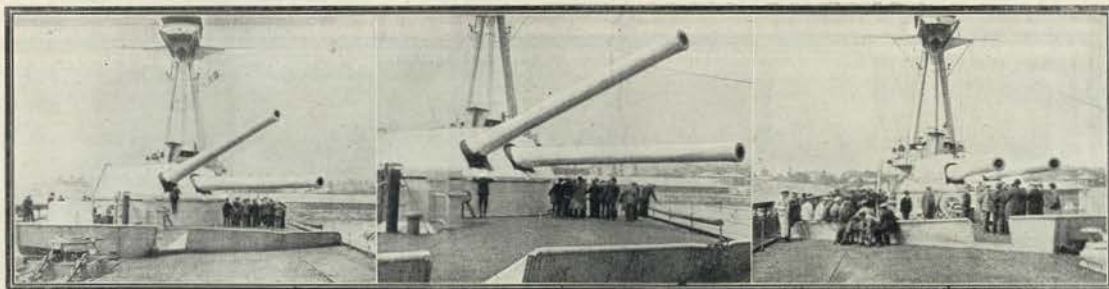
Como foi desempenhada a sua acção destruidora, pode-se julgar pelo facto de seis dos maiores navios allemães haverem sido attingidos.

A prova mais significante da desorientação do inimigo foi que, durante a noite, não houve nenhum ataque á esquadra britannica.

Os allemães estavam assim defendendo, os seus cruzadores e procurando rebocal-os para o porto.

Infelizmente conseguiram o seu desideratum.

No dia 1 de junho, não houve mais combate. A Inglaterra permanecia, com sempre, incontestavelmente, senhora absoluta dos mares.



Os estupendos canhões da invicta marinha britânica que tão brilhantemente bateu a esquadra alemã em Jutland, forçando-a a regressar ao seu porto com os vasos que poudes salvar.

## A MENTIRA CONFESSADA

O comunicado que o ministerio da marinha allemão acaba de publicar sobre a perda d'alguns dos melhores barcos da esquadra imperial na batalha do Jutland merece reter a nossa attenção; elle é tipico, elle é eloquente, elle é revelador.

"Por motivos militares—diz esse comunicado—a perda dos navios *Lutzow* e *Rostock* não tinha ainda sido publicada por nós."

Por muito tempo, mesmo nos paizes alliados, o comunicado allemão gosou d'um invejavel prestigio. Porquê, nunca se soube ao certo. Mas é um fato que, em França, por exemplo, onde os jornaes habitualmente não inserem a prosa official de Berlim, a curiosidade que essa prosa despertava fez a grande voga dos jornaes suíços. Depois de qualquer operação de certa importancia havia um publico que invariavelmente perguntava: "O que diz o comunicado allemão?" Saber o que elle dizia lhe parecia, a esse publico, indispensavel para formar, com sufficiente conhecimento de causa, o seu juizo. Um historiador prussiano, Treitschke, dissera um dia esta mentira profunda: "A principal virtude dos allemães é a veracidade." Essas palavras dir-se-ia que ficaram gravadas perduravelmente no cerebro dos admiradores do comunicado allemão.

Mas esses mesmos devem agora compreender todo o seu erro. Um confronto decisivo se impõe. Todos sabem com que escrupulo de

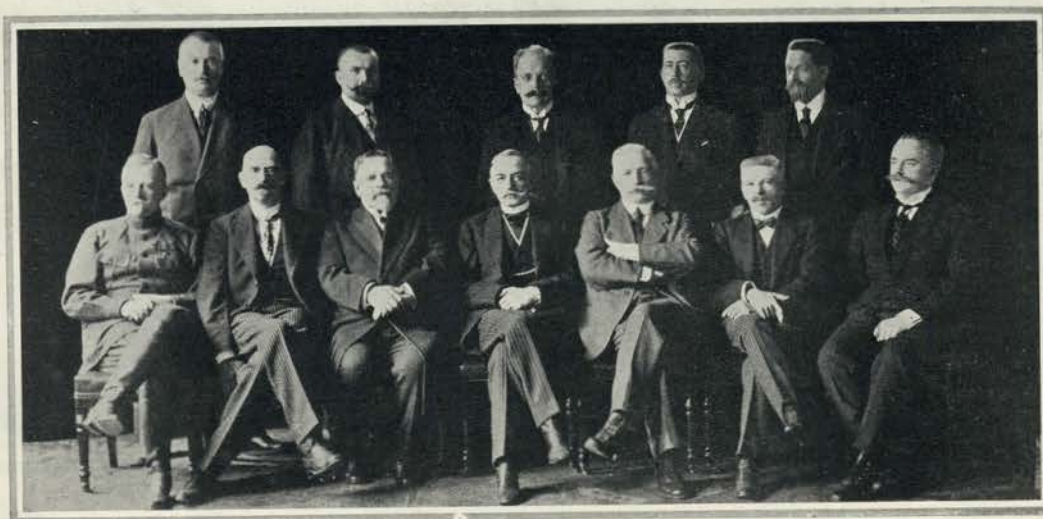
respeitar a verdade o almirantado inglez tornou publica a noticia da recente batalha naval. Será mesmo permittido dizer que esse escrupulo chegou a ser excessivo. Elle fez com que, no primeiro momento, o proprio publico inglez quasi se convencesse de que essa batalha fôra, para a esquadra britânica, se não propriamente um desastre, pelo menos uma assaz desagradavel aventura. Ninguém em face dos informes officiaes inglezes ousaria pronunciar a palavra victoria. E, contudo era bem d'uma autentica victoria que se tratava.

Os allemães, esses, não hesitaram. O seu chanceller falou de triunfo aos doces representantes da nação. Berlim embandeirou, a imprensa celebrou em todos os tons a victoria imensa. As perdas que os allemães confessavam eram relativamente modestas. Elles davam a sua numeração como definitiva; nada mais haveria a acrescentar; é isso o que convem não perder de vista; foi isso o que encolerizou certos jornaes d'alem Rheno á leitura da recente comunicação suplementar.

O almirantado allemão confessa que mentiu. O pretexto é simples: motivos d'ordem militar. Esse pretexto, que serviu hontem, ninguém nos diz que não possa servir de novo amanhã. Os leitores dos comunicados allemães que se tenham por informados; aquillo que elles lêem hoje pode amanhã ser reconhecido falso; o governo allemão comunicar-lhes-ha muito simplesmente que mentiu por conveniencias militares. E será tudo!

Os allemães foram sempre mestres no bluff. Será permittido porem dizer agora que elles exageram. Este bluff da batalha do Jutland foi sem duvida um bluff grosseiro, que um outro povo, mais consciente dos seus direitos, menos domesticado que o povo allemão, se recusaria seguramente a aceitar. Mas, até hoje, o unico protesto que conhecemos é o que a *Gazeta de Francfort* formula n'estes aliás bem comediados termos.

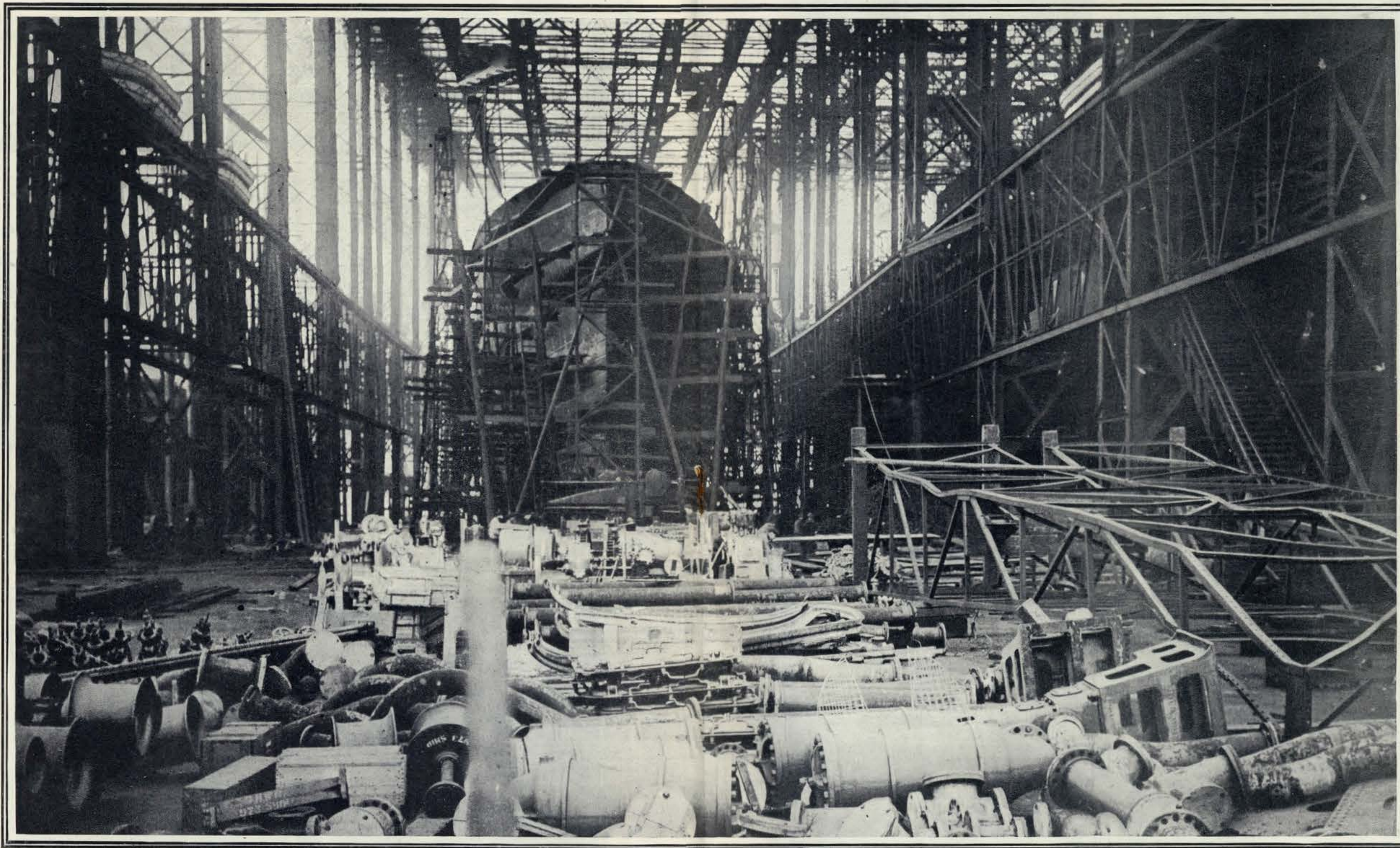
"Os relatorios officiaes têm durante a guerra duas faces. Elles devem fornecer informações sobre os acontecimentos da guerra sob a reserva de poder dissimular certos d'elles, quando isso se julgue militarmente necessario. O almirantado allemão, por motivos militares, tinha occultado a perda do novo cruzador de batalha *Lutzow* e do novo cruzador de exploração *Rostock*. Não sabemos porque razões militares foi adoptada essa resolução; mas antes de agir de tal modo certamente se deve ter hesitado, porque isso vae d'encontro ao direito que o publico tem de conhecer exactamente o que é feito do material de guerra. Informam-nos de que os dois navios não se perderam na batalha, mas no caminho do regresso. Não podemos deixar de notar que a imprensa teria podido desempenhar melhor a sua missão se a tivessem informado de que a lista das perdas não era definitiva. Só de tal modo ella poderia ter evitado um logro de que o inimigo nos poderá justamente accusar." Seria ozioso dizer mais.



MEMBROS DA "DUMA" RUSSA

Os illustres representantes da Russia que visitaram a Inglaterra, a convite do seu governo. Ao fundo, da direita—M. V. T. Demchenko, M. M. M. Ichass, Count de Olsuffeff, M. A. A. Ornobishin, Dr. Andrew Shingarev; sentados—Col. Foris Engellhardt, M. S. Sheodoski, 1. Prof. A. V. S. Ireff, M. A. D. I. Irotopov, Prof. Paul Milykov, M. V. Gourko, M. A. A. Radkevi.

O PODER NAVAL DA INGLATERRA CRESCENDO. UM ESTALEIRO — NOVO DESTROYER PARA O STOCK.



Embora forte como era o poder naval da Inglaterra no principio da guerra, desde então tem augmentado maravilhosamente. Nos seus estaleiros se tem trabalhado sempre com prodigiosa actividade, não só para os alliados como para a Gran-Bretanha. Num artigo, descrevendo uma visita a um dos maiores estaleiros do Norte, o correspondente do *Times* diz o seguinte: "Tenho visto no Tyne e no Clyde os homens que constroem e preparam as esquadras da Gran-Bretanha. Toda a classe de

navios, que se pode imaginar, alli se encontram em stock, e em todos, actualmente, se constroem destroyers. Esse typo de vaso não leva muito tempo a ser terminado. Num dos estaleiros vê-se a armação de um navio, que em menos de dois mezes singrará as aguas, ainda chamadas em alguns mapps, mar allemão. Os trabalhos proseguem constantemente e o martelar nunca pára dia e noite. O romper da madrugada encontra os exhaustos operarios ainda ás suas machinas, sob o peso do fatigante trabalho, que nunca cessa.



O tiro de uma peça franceza, 155, denominada "Heroique"



Artilharia franceza avançando para as linhas

## A CONFERENCIA DE PARIS

AS sessões da conferencia economica de Paris foram secretas, como as da recente conferencia militar, e era preciso que o fossem. Ninguém de bom-senso poderá vêr n'isto um motivo de surpresa.

Sabe-se que nas bases fixadas para a collaboração estreita dos alliados nos problemas economicos, são previstos trez periodos: O primeiro será o periodo da guerra; durante elle, as medidas tomadas por todos para destruir o que subsiste de commercio inimigo serão identicas. O segundo, que começará depois da paz, terá de prolongar-se por alguns annos e será o da reconstituição economica. Findo elle, as relações economicas entre os alliados entrarão n' um periodo de normalidade durante o qual as nações hoje em guerra com a Alemanha evitarão em commum que os seus mercados caiam de novo em poder dos allemães.

Um acôrdo economico entre os alliados offerece difficuldades que muitos consideram insuperaveis. Ha entre elles interesses que, pelo menos á primeira vista, parecem incompativeis. Mas o que é certo é que em todos existe uma vontade firme de conseguir a derrota economica da Alemanha depois de ter conseguido a derrota militar. N'essa marcha dos barbaros contra a Europa civilizada, que elles vinham preparando, desde ha muito, pode dizer-se que o caixeiroviajante marchou na vanguarda, adiante do ulano. É absolutamente necessario que elle se vá embora com este ultimo para nunca mais voltar, nem na guerra, nem na paz.

Os delegados á conferencia economica vieram para ella penetrados d'essa verdade absoluta. Nenhum trouxe pontos de vista d'um exclusivismo irredutivel; nenhum pensou em opôr doutrina contra doutrina, nem mesmo interesse contra interesse. Um grande espirito de conciliação ani-

mava todos elles. E esse foi, asseguremos, o mais impressionante aspecto d'essa assembléa.

O delegado russo, sr. Nicolau Nicolaievitch Pokrovski, disse o seguinte a um redactor do *Temps*:

"O sr. Lujo Brendano acaba de fazer, em Zurich uma conferencia sobre "a Loucura das hostilidades commerciaes" e comtudo são os allemães que, durante a guerra, fazem tudo quanto está em seu poder para avivar a luta economica d'amanhã. Elles organizam no seu paiz, nos depositos das suas fabricas, stocks imensos de todas as mercadorias promptos para inundar o mundo logo a seguir á conclusáo da paz. Mas defender-nos-hemos; assim é preciso. A conferencia economica veio na sua hora marcar a primeira realização da nossa vontade de lutar tambem n' esse dominio. Antes da guerra, a Russia dependia d'Alemanha sob o ponto de vista

da marinha mercante. Esse monopolio allemão do nosso commercio maritimo acabou. A Alemanha era o commisionario da Russia para os cereaes; nunca mais o será. É poi tudo quanto ha de mais natural aderirmos a uma politica que tem por fim, não exterminar a Alemanha, mas defendermo-nos d'ella. Todos os representantes dos paizes alliados que vieram á conferencia sentiram-se immediatamente unidos pelo mesmo ponto de vista, e esse ponto de vista não é uma demencia, como pensa o sr. Brendano. A demencia, sabemos nós onde ella está.

"A união economica de todas as potencias alliadas é significativa, visto tratar-se d'uma união livre, voluntaria. Nenhuma pressão foi exercida sobre qualquer povo. Olhemos para o outro campo. É o contrario. A Alemanha domina ou quer dominar economicamente todos os seus alliados.

N'esse sentido a Prussia já engloba os outros Estados do Imperio; e a Alemanha, por sua vez, está mettendo ou quer metter a Austria na mesma empreza.

"É uma hegemonia tiranica em vários graus que trae já um dominio economico allemão sobre os seus proprios alliados semelhante áquelle que se desenhava sobre o mundo inteiro antes da guerra.

"É uma mania incuravel que tem aquella gente de querer opprimir todos os que a rodeiam."

Antes da guerra, sob o ponto de vista commercial, a Russia era por assim dizer, uma colonia allemã. Ha pouco, houve quem pretendesse que a não-participação do imperio do Czar na ultima conferencia interparlamentar não fóra devida a um atrazo meramente casual. Tinha-o sido, de facto. As palavras do sr. Pokrovski bastariam para o confirmar.



Uma factio commum em Holzminden Hanover. Dentro das cercas de arame, num campo de concentração, os civis inglezes ficam expostos á curiosidade das mulheres allemãs, que gosam immensamente a triste scena



## O "IMPIRE DAY" EM LISBOA



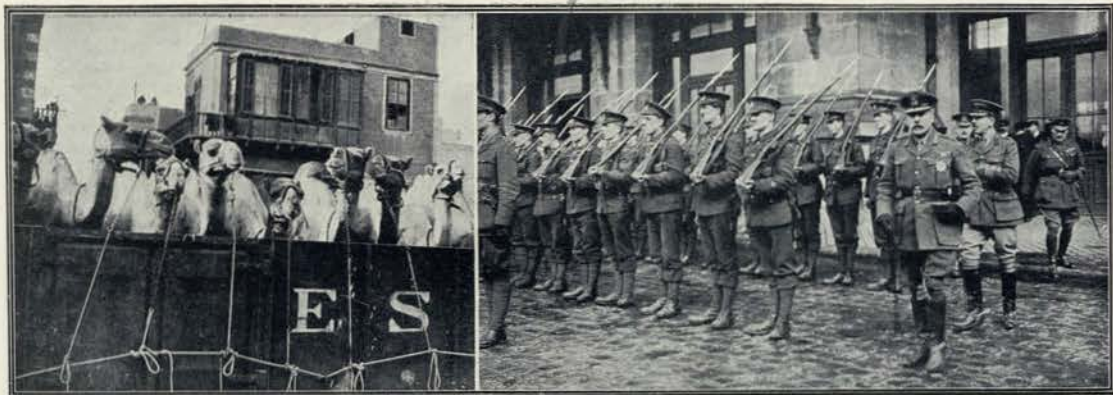
Uma elegante senhora da Cruz Vermelha vendendo flores nas ruas da capital.



Mrs. Carnegie, esposa do Ministro inglez, conversando com um dos organizadores da festa.



S.E. o sr. Presidente da Republica, dr. Bernardino Machado, entrando para o recinto onde se effectuou a festa. (Do nosso correspondente: A. Rocha).



(1) Especies quadrupedes transportados para o occidente do Egypto. (2) Sir Douglas Haig inspeccionando forças

## A GERMANIZAÇÃO DO SUL DO BRAZIL

(As primeiras partes desta importante publicação do illustre escriptor brasileiro Sr. Paul Darcachy, no no. 6, 7, 8 e 9 d' "O Espelho.")

Deixamos de transcrever os commentarios do brilhante vespertino carioca para não tornar demasiadamente extenso este capitulo.

Trata-se de um edital da Camara Municipal de Brusque, redigido em lingua allemã. E' recente, pois traz a data de 8 de Agosto de 1915. Firma-o o secretario da superintendencia, que ou é allemão de nascimento ou está classificado naquella *esquisita especie de brasileiros que forma o grosso das populações germanicas de Santa Catharina*, a que nos referimos no começo deste opusculo.

Deante desta prova photographica julgemos os que nos lêem do valor das nossas afirmativas, em confronto com a *seriedade* dos desmentidos que apparecem periodicamente ás *invenções fantasistas dos ideologos*, com relação ao germanismo de Santa Catharina.

Não se allegue que o caso ora apontado constitue uma excepção; é a regra estabelecida por todas as municipalidades teuto-catharinenses; e, é concluyente que si os editaes publicados na imprensa e afixados nos pontos urbanos de maior concurrencia, são redigidos em lingua allemã, com maioria de razão as actas municipaes que se acham nos archivos, a coberto da bibliotheca incommoda dos *fantasistas*, não podem ser redigidas em portuguez, mesmo porque esta lingua é desconhecida para os burocratas prussianos que no santuario das municipalidades allemãs de Santa Catharina, com abnegação e estoicismo admiraveis, *velam* pela integridade do nosso territorio e pela segurança das nossas instituições. Este ultimo conceito, tomamol-o por emprestimo momentaneo aos sisudos João-Gravias que no Brazil monopolizaram os predicados do bom senso a Sancho Pança.

Em poder de um commandante allemão, morto em combate travado no norte da França, foi encontrada uma carta cujo conteúdo é mais um documento confirmativo das *excellent* disposições prussianas para com os latinos em geral, e para com os do Brazil em particular.

Eis alguns topicos dessa carta:

"Dou graças a Deus por ter nascido allemão e ter nascido assás tarde para assistir á expansão formidavel do poder allemão sobre o mundo.

"Nós assistimos hoje em dia ás ultimas convulsões da civilização latina, tornada impotente desde muito tempo já, e exhalando seu ultimo suspiro debaixo do tacho da nossa bota.

"O importante é que por toda parte, nos dois mundos, os latinos sejam substituidos pela nossa raça, mais joven e mais forte, que representa a civilização nova, a grande civilização do futuro.

"Vós que conheceis os paizes africanos, e tambem o Brazil, sabeis o que os latinos têm feito; governos corrompidos, povos sem vigor e sem moralidade, em plena anarchia, e incapazes de tirar o menor proveito das regiões onde se acham estabelecidos, vivendo de mendicidade e de rapina no meio de riquezas naturaes infinitas, que elles não têm nem a força nem a coragem de explorar, eis aqui o que se vê presentemente nesses paizes, onde os latinos dominam. Desse lado tambem será preciso exercer o nosso esforço depois da victoria."

Analysemos, de passagem, esta photographia moral que tão fielmente retrata o orgulho burlesco do imperialismo prussiano.

Felicitemo-nos antes de tudo, e tambem aos outros descendentes dos filhos do Lacio, accorados diante dos porticos da "grande civilização do futuro," por terem as "ultimas convulsões" attingido o commandante Ferrabraz, antes que elle cumprisse a ameaça de esmagar a civilização latina sob o tacho da bota.

A "expansão formidavel do poder germanico" não mais apavora o mundo, para o qual vai pouco a pouco perdendo o negro aspecto de pesadelo mundial.

Si as palavras do official tudescó fossem pronunciadas ou escriptas antes da grande guerra, é provavel que o mundo latino oscillasse em suas bases seculares. Escriptas ou pronunciadas hoje, nem o fazem tremer, nem o fazem rir: despertam apenas essa piedade niniamente christã de que se reveste a alma latina, quando assiste ás "ultimas convulsões" dos agonizantes.

O mundo, pois, não quedará envolto em trevas com o aniquilamento desse foco potente e colossal que se chama "a civilização

latina," para ser frouxamente illuminado, depois, pela candeia da "grande civilização do futuro.

Qualidades de "povo vigoroso," realmente não as demonstramos ainda com a mesma intensidade de outros paizes mais antigos, que as têm evidenciado de modo a não provocar inveja a nenhum dos povos neo-latinos da livre America.

Entretanto, a nossa capacidade de energia está comprovada:—pela obra impercível dos extraordinarios bandeirantes do seculo XVII, atravez os sertões inhospitos e longinquos de Minas, Goyaz e Matto Grosso até o Amazonas; pela bravura (que se poderá reproduzir em qualquer época) das hostes brasileiras de Henrique Dias, Camarão e Vidal de Negreiros, varrendo do solo nacional os conquistadores batavos-germanicos—pelos acontecimentos que precederam e determinaram nossa independencia;—pelas diversas guerras que o Brazil foi coagido a emprender, não com intuitos imperialistas, mas para libertar povos irmãos da tyrannia dos Rosas, Aquires e Lopez;—pelo desbravamento e colonização da Amazonia, obra que a "raça nova e forte" não seria capaz de realizar;—pela adopção da forma de governo republicana, conquista liberal a que estão muito longe de attingir os paizes de "raças novas e fortes," dominados pela autocracia e carcomidos pelo feudalismo;—pela adopção, finalmente, da arbitragem para dirimir todas as suas questões externas, formula mais consentanea com os seus preceitos da verdadeira civilização que essa outra que estabelece o supremo direito da Força.

Não pode, com justiça, ser incriminado de "sem vigor" um povo que apenas com quatro seculos de existencia, e menos de um de vida autonoma, apresenta todo esse activo de qualidades de energia e de conquistas do espirito.

Difficil perceber em que accepção o commandante das botas-tragicas empregou a phrase "povo sem moralidade."

Si se trata, como parece, uma vez que elle se deu ao trabalho paciente de classificar todos os *cupins* que corroem os alicerces da nossa nacionalidade, da accepção *aphrodisiaca* que pode ser dada á phrase "sem moralidade," ao Brazil é licito retrucar que ainda não viu surgir dentro das suas fronteiras um facto tão escabroso como aquelle que Maximiliano Harden agitou em Berlim, ha dez ou doze annos, que determinou a condemnação do conde de Eulenburg, e cujas eroticas particularidades deviam ter feito palpitar as cinzas frias de Sodoma e de Gomorrhá. . . .



Possante artilharia ingleza em acção

Quizeramos rematar este capitulo commentando um gesto ou citando uma phrase que attenuasse a virulencia das manifestações pan-germanistas na apreciação dos factos e acontecimentos nacionaes.

O acaso, não concordando com o fecho que pretendiamos dar ao capitulo, collocou sob nossa vista um exemplar do jornal "A Nação," de S. Paulo.

Ahi em letras garrafaes lemos o seguinte: *Ao governo do Estado—O director do "Diario Allemão," Rudolf Troppmaier, insulda o Brazil! —O que dizem a isto os germanophilos?*

Para illustrar o grao de dedicação e estima que nos vota o jornal allemão, transcrevemos do "Correio Paulistano," de dias atraz, o seguinte topico:

"O Deutsche Zeitung," que se publica nesta capital, a proposito do aprisionamento do vapor brasileiro 'Petrel,' da Companhia Sul-Riograndense, diz o seguinte:

"Os inglezes não se atreveriam a agir deste modo para com o Brazil, si este paiz tivesse um pouco mais de sentimento de sua dignidade se os seus dirigentes não se abaxassem a ser, a todo momento, indignos "kotas" perante os senhores inglezes.

"Kot, em allemão, significa escremento humano. Por ahi imaginem os leitores o que significa. kotas."

"Não nos atrevemos a fazer a traducção verdadeira para não ferir o pudor do nosso publico.

"Mas não é só. Em outra edição, escreveu o "Deutsche Zeitung":

"Os francezes mandam turcos, senegaleses,

marroquinos e toda a canalhada de negros contra os allemães, para salvarem a unica, a verdadeira cultura latina, o que o povo brasileiro acha muito justo.

"Mas—prosegue o orgão germanico—isso não é de admirar em um paiz onde o governo e o exercito estão em mãos de uma cambada de negros e mulatos, visto que todo o paiz é habitado em 2/3 partes por negros!"

(Wen kann man hier etwas daran finden, wo ebenfalls das ganze Heer und Regierung aus Negern und Mulatten bestchet, und wo das ganze Land zu 2/3 von Negern bewohnt ist).

"O melhor de tudo isto é que o 'Deutsche Zeitung' é subvencionado pela Secretaria da Agricultura para fazer propaganda de S. Paulo nas terras de alem—Rhenos!"

"Magnifica propaganda, que o dr. Paulo de Moraes Barros deve mandar intensificar."

Procedamos á autopsia meticolosa no mostrego dado á luz pela "Kultur" que illumina as paginas do "Deutsche Zeitung."

Num relancear de olhos distinguem-se logo duas manchas negras que lhe enfeiam a epiderme.

Escalpellemol-as: o jornaleco, dada a sua qualidade de orgão da colonia estabelecida em S. Paulo, deve ter entrada franca em todos os lares allemães. Isto é intuitivo, é racional.

Como comprehender, entretanto, que representantes de uma raça que vive a alardear a impeccabilidade da sua Moral, permitam que no recesso do lar seja acolhido um pasquim

cujas columnas,—em desleal concorrência á literatura das sentinas—gravam vocabulos como aquelle "Kotas," de que o "Correio Paulistano," orgão do "povo sem moralidade," não se atreveu a dar a traducção literal "para não offender o pudor do nosso publico?"

Como especimen de Moral intangivel, concordemos que não tem a significação de ultima palavra.

—Passemos á outra mancha: a ingratidão congenita dos Troppmaier da "raça forte" ahise patenteia sob multiplos aspectos. Ingratidão para com o governo de S. Paulo, do qual recebem pingues subvenções para uma irrisoria propaganda d'aquelle Estado na Allemanha; ingratidão para com o Brazil, em cujo seio hospitaleiro despiram os mulambos trazidos de alem-Rhenos, para ostentarem vestes indicadoras de uma situação relativamente prospera, adquirida no "paiz de negros e mulatos;" ingratidão, emfim, para com a "canalhada de turcos" que não vacillou em jogar, numa cartada inconsciente, a existencia politica da sua propria nacionalidade, para combater ao lado da Allemanha!

Tambem, neste caso, não transparece a ultima palavra de um sentimento que dignifica a nossa especie.

Prosigamos a autopsia. O amontoado de insolencias do "Deutsche Zeitung," ultrapassa os limites da mais complacente tolerancia que pôde gosar a imprensa estrangeira num paiz de leis excessivamente liberaes.

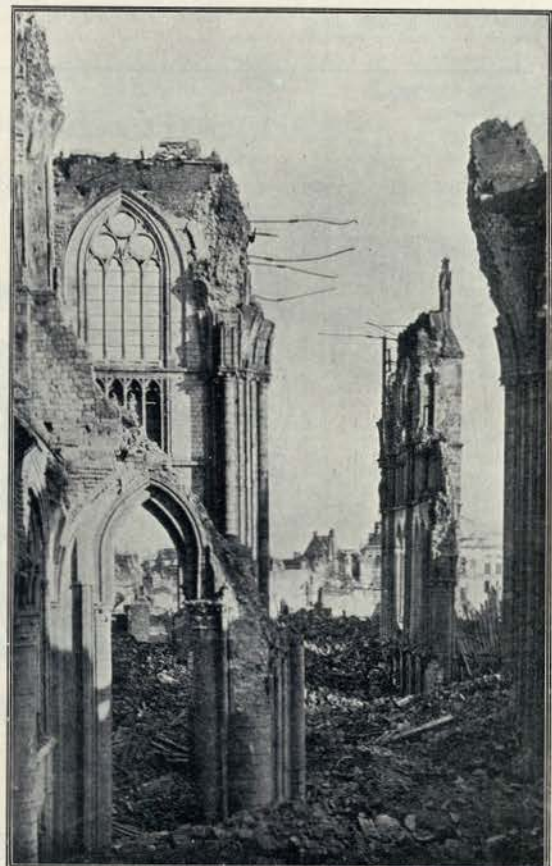
*A continuação desta publicação no seguinte numero de "O Espelho."*

## NA LINHA DE FOGO



Desapiedando uma trincheira franceza na primeira linha de combate depois de torrencial chuva

## TRABALHO DE HUNOS



Interior da cathedral de Ypres, destruida pelas tropas do Ka'ser, que sempre procuram attingir as igrejas

## O ESFORÇO INGLEZ DIVULGADO EM FRANÇA.

„alguns milhares de parizienses puderam assistir, no grande amphiteatro da Sorbonne, a uma manifestação franco-inglesa cuja importância merece accentuar-se. Era a segunda das grandes conferencias organizadas em Paris pelo *comité* do "L'Effort de la France et de ses alliés." A primeira fôra consagrada ao *esforço russo*. Nesta segunda coube a um antigo ministro francez, mr. André Lebon, expôr qual tem sido até hoje o esforço de guerra da Grã-Bretanha. O orador fê-lo com uma grande clareza, com uma grande e persuasiva eloquencia. O seu auditorio, numerosissimo, como disse, cobrindo d'applausos as suas palavras não quiz apenas prestar homenagem ás notáveis qualidades do orador: elle quiz tambem mostrar bem comprehender a magnitude do esforço que lhe era revelado e a sympathia, a admiração, mesmo até certo ponto a gratidão, que esse esforço lhe merecia.

Os povos latinos nem sempre tem sabido n'esta guerra julgar o grande papel que a Inglaterra desempenha, em toda a sua alta significação, em todo o seu justo valor. Elles esquecem que entre a sua mentalidade e a mentalidade britannica ha diferenças profundas. É preciso comprehender o caracter inglez para bem julgar a attitude da nação n'este immenso conflito e todo o grande merito da sua acção methodica sempre, á hoje vigorosa, e que será formidavel amanhã.

O que a Inglaterra tem feito, sob o ponto de vista militar desde o começo do conflito é, sem duvida, prodigioso. O exercito de que ella podia dispor em agosto de 1914 compunha-se de 160 mil homens. Esses homens cons-

tituíram o primeiro cõrpo expedicionario. Elle acompanhou a retirada franceza de Charleroi até ao Marne. Depressa a Inglaterra comprehendeu que um grande esforço se lhe impunha. Lord Kitchener viu a situação rapidamente: viu-a como politico e viu-a tambem como soldado. Quando, no começo, elle disse que esta guerra não duraria menos de trez annos, muita gente incredula sorriu. Simplesmente, elle percebera que um conflito onde se jogam não só os mais altos interesses immediatos das nações, mas os proprios destinos d'ellas não poderia acabar antes de todas essas nações terem usado até ao ultimo extremo os recursos de que lhes fôsse possivel lançar mão para vencer.

Vinte e tres mezes são passados. Esse exercito que fazia sorrir os allemães, é já hoje um dos maiores do mundo, será ainda mais formidavel amanhã. N'elle voluntariamente se alistaram quatro milhões d'homens, quatro milhões d'ingleses que, de sua propria vontade, sem uma pressão legal que, só ha pouco instituida, ainda não começou produzindo os seus effeitos, fizeram á patria ameaçada o sacrificio da sua tranquillidade, do seu bem-estar, da sua propria vida. Seria facil, seria mesmo possivel, encontrar no mundo uma outra nação capaz d'um esforço egual?

E que dizer do gigantesco esforço economico e financeiro que acompanhou e pode mesmo dizer-se tornou possivel o esforço militar? "A Inglaterra—disse, na sua conferencia mr. André Lebon—não é d'esses paizes que deixam ao futuro o cuidado de liquidar os encargos do presente, e Mr. MacKenna, ministro das finanças, pôde declarar, não sem

orgulho, que não pedira emprestada uma s' libra sem ter creado os impostos sufficientes para pagar os juros e a amortização. É assim que o orçamento annual da Inglaterra decuplicou desde o começo das hostilidades, que a sua divida consolidada augmentou de mais do triplo e que, para as despesas militares, que attingem hoje 125 milhões de francos por dia, apenas 22 bilhões foram pedidos a recursos temporarios de tesouraria. Por seu lado, os impostos seguiram uma marcha ascendente e são hoje duas vezes e meia mais elevados do que em 1914; a Inglaterra augmentou somente de 75 per cent as suas contribuições indirectas, ao mesmo tempo que quintuplicava a *income tax* que é prevista no orçamento actual para um rendimento de 4 bilhões e 300 milhões de francos e que attinge até 40% do rendimento das mais avultadas fortunas. Assim pois, por um conjunto de medidas sem precedente na sua historia, a Inglaterra lançou na balança de guerra actual os seus homens, a sua riqueza e até as suas ideias de mais longa data enraizadas. Ella tem a consciencia da gravidade da luta e não ha sacrificios que não esteja disposta a fazer ainda pela causa commum."

A exposição de mr. André Lebon, feita na presença do embaixador britannico em Paris, interessou vivamente todos quantos, como eu, a escutaram. Dizer aos francezes a verdade sobre o magnifico esforço inglez é, de resto, prestar um excellentes serviço á causa commum. É bom que todos os alliados conheçam o valor da acção de cada um para que possam com uma inteira confiança, prestar-lhe a homenagem duma inteira justiça.

## MODAS DA EPOCHA DA GUERRA.

**D**ISSEMOS no numero anterior que trataríamos de vestidos usados pelas operarias empregadas no fabrico de munições, todavia a falta de espaço com que luctamos privamos de apresentar detalhados modelos para dar uma ideia ás nossas leitoras de como se veste a mulher ingleza que trabalha em prol de seu paiz.

As capas de borraça e barretes irlandezes (conforme o desenho) são usadas de preferencia pelas mulheres correio, conductoras de automoveis e carros, operarias de fabricas e enfim por todas as que na azafama diaria procuram premunir-se contra o tempo humido e frio.

As conductoras de *omnibus* vestem um casaco mais apertado, chegando até ao joelho, polainas de couro, botas grossas necessarias para a subida e descida das escadas do carro e um chapéu redondo com fita á volta do queixo.

As distribuidoras de pão e leite usam uma bata com um collarinho em azul ou amarelo e punhos.

Todas as mulheres empregadas nas munições são obrigadas a mudar de vestido e a usar a bata, chegando até ao ponto de, nalgumas

secções, tirar os pentes do cabello afim de evitar qualquer desastre.

Como se vê, todas as precauções tem sido tomadas para que os minimos accidentes no trabalho não succedam. Estas batas são feitas das mais variadas cores, de maneira que, quando se entra numa grande fabrica, onde operarias são empregadas, a primeira impressão que se tem é de um jardim em flores.

Os compridos aventaes são usados especialmente nas cantinas e os seus bolsos servem para collocar dinheiro, cartas, etc.

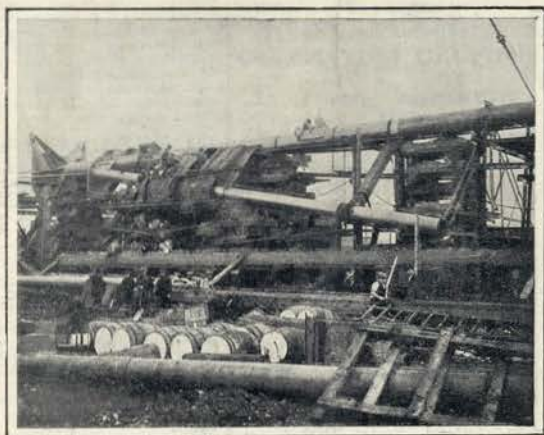
O soldado inglez, travando amizade com as raparigas que alli servem, deixa escorregar na hora da partida, nos seus bolsos um cartão na quasi certeza de que um dia, nas trincheiras, receberá uma carta amiga ou um pacote com iguarias.

A operaria em munições é hoje na Europa, a mais elegante, a mais encantadora das personalidades, admirada por todos, mas sobretudo pelos soldados que a adoram e respeitam.

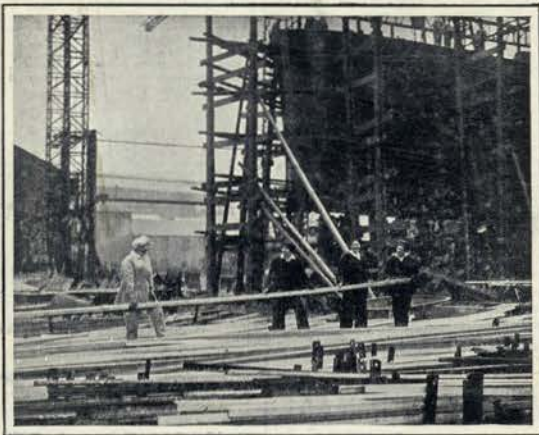




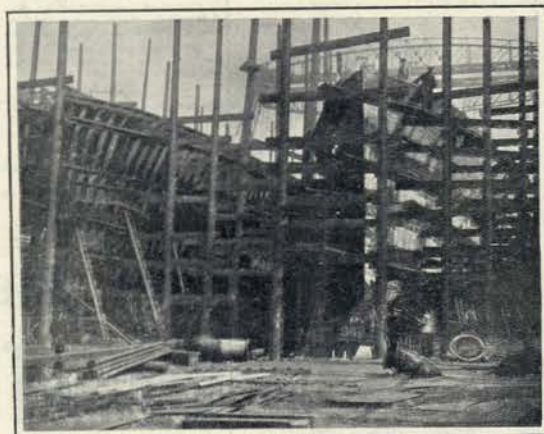
ACTIVIDADE NAVAL INGLEZA



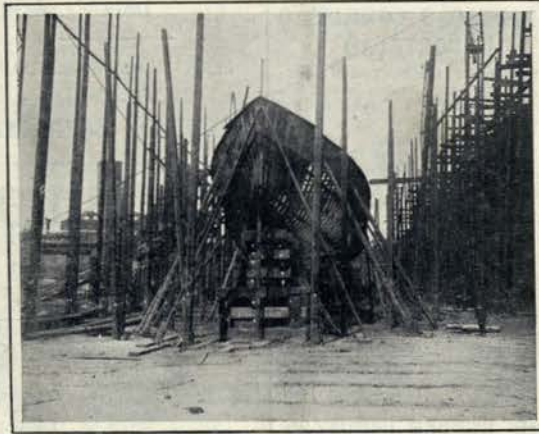
Construção de guindastes para os navios de guerra.



Mulheres transportando grossas vigas de aço.



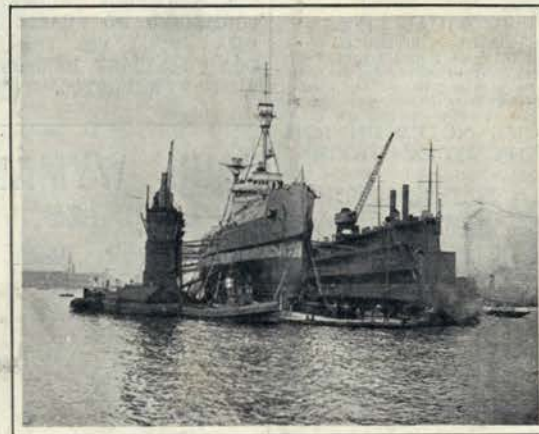
Grandes destroyers em via de construção.



O navio Bosphorus ainda nos estaleiros.



Mulheres trabalhando activamente nos estaleiros.



Um poderoso navio numa doca flutuante.